

Abstract: O autor propõe que a concepção da Eucaristia como sinal do Reino de Deus poderia ser um critério mais objetivo para o julgamento sobre o acesso dos fiéis à mesa da comunhão. Partindo da dimensão eucarística dos Fóruns Sociais Mundiais, trabalha a dimensão escatológica da Eucaristia em suas relações com o sonho de outro mundo possível. Mostra, em seguida, sinais dessa dimensão escatológica da Eucaristia na opção pelos pobres, no cuidado com o mundo, na vivência do agradecimento. Após refletir sobre a Eucaristia como sinal e instrumento do Reino de Deus, arremata com a proposição de que se resgate a centralidade do Reino na celebração das liturgias eucarísticas. Na conclusão, pondera que todas as pessoas que lutam pelo Reino de Deus são, de certa forma, pessoas eucarísticas.

The author unfolds a new concept of the Eucharist considering it as a sign of the Kingdom of God because it could be a more objective criterion for the permission to be granted to the faithful to have access to Holy Communion. Beginning with the Eucharistic dimension of the world-wide Social Conventions he widens the scope by assuming an eschatological perspective so as to arrive at the understanding of the Eucharist and its many links with the dream of another possible world. Moreover, new insights are provided in connection with the eschatological dimension of the Eucharist which appears in one's care for the poor, in the protection of the natural environment, and in the enjoyment of life in a spirit of thanksgiving to God. He deals further with the Eucharist as a sign and instrument of the Kingdom of God stressing the need of setting forth the idea about the Kingdom of God to be portrayed as the center in the liturgical celebration of the Eucharist. He concludes with the thought that everyone engaged in consolidating and expanding the Kingdom of God is inspired by the Eucharist.

Eucaristia e Reino de Deus

*Vitor Galdino Feller**

* O Autor é Doutor em Teologia, e Professor de Teologia Sistemática no ITESC.



Introdução

Freqüentemente se apresenta a Eucaristia como alimento dos anjos, pão do céu para os santos, comida dos regenerados em Cristo, restrita só aos que perfazem um caminho de santidade, só aos que participam da vida íntima da Igreja. A Igreja, no entanto, em sua sabedoria milenar, sempre ensinou que a Eucaristia é o alimento dos pecadores, daqueles que se mantêm, apesar da força do pecado, na busca permanente da santidade; é o alimento do povo que, pela graça de Deus, é santo. Por outro lado, a mesma Igreja, fundamentada em 1Cor 11,17-28, define que a Eucaristia não deveria ser dada aos pecadores públicos, aos ímpios, aos adúlteros, aos egoístas, a pessoas que não freqüentam a Igreja. Nesse caso, a exclusão da comunhão eucarística é, por vezes, acompanhada *ipso facto* com a excomunhão da Igreja, da comunidade de fé. Pois, sendo a Eucaristia sacramento da comunhão, sacramento da Igreja, a ofensa a uma é ofensa à outra, e, portanto, a exclusão de uma é exclusão da outra.

Há ainda o caso polêmico da exclusão da comunhão aos casais em segunda união. Baseada em Ef 5,21-33, sobre a unidade entre Cristo e a Igreja, visibilizada no sacramento do matrimônio, ensina também a Igreja que a Eucaristia não deve ser dada a pessoas que não mantiveram a unidade e a santidade do matrimônio. Não há nesses casos uma expressão clara de excomunhão da Igreja. A exclusão da Eucaristia não se funda, aqui, em pecado contra a Igreja, contra a comunidade de fé e de amor, mas em pecado contra um sacramento da Igreja, o sacramento do matrimônio, que é sinal da união entre Cristo e a Igreja.

Se a Eucaristia é dom de Deus, corpo e sangue de Cristo para a vida do mundo, alimento dos pecadores, porque se fazem restrições à recepção desse sacramento? Não deveria ela ser dada a todos indistintamente, uma vez que todos são filhos de Deus, que todos são chamados à salvação? Como pode esse sacramento ser sinal da comunhão atual e, sobretudo, futura da Igreja no Reino definitivo, se existem essas exclusões ou impedimentos? Ou, por outra, como se poderá entender a Eucaristia como sacramento de um outro mundo possível, que os cristãos chamam de Reino de Deus, apesar desses impedimentos? Ou, ao contrário, seriam esses impedimentos, mais que obstáculos, sinais luminosos da verdade da Eucaristia no meio do caminho que leva ao mundo futuro?

Normalmente, para responder a estas perguntas, costuma-se reportar a dois critérios de análise: um, que aponta para a conversão subjetivo-pessoal-existencial das pessoas que buscam a comunhão



eucarística; outro, que aponta para a objetividade da pertença jurídico-institucional à Igreja.

Pelo critério da subjetividade torna-se muito difícil julgar as pessoas. Qualquer um pode dizer que se considera justificado, perdoado, que sua santidade se resolve no plano de sua consciência. Afinal, esta é um santuário inviolável, onde o ser humano, sozinho diante de Deus, assume as conseqüências de seus atos, como ensina o Magistério da Igreja (GS 16). Não haveria, então, justificativa para a Igreja negar a comunhão a alguém.

Pelo mesmo critério, radicalizando-o, até mesmo freqüentadores de ocasião tais como os participantes de missas de formatura, de sétimo dia, de posse de governantes, de ação de graças em eventos civis e públicos, pessoas sem fé e sem conhecimento do que seja a Eucaristia, pessoas que não pertencem à Igreja católica, pessoas não-batizadas, até mesmo pessoas que publicamente rejeitam o Evangelho, atrapalham a vida eclesial, oprimem os pobres, posicionam-se declaradamente ao lado do deus-dinheiro e, portanto, do lado oposto do Deus da vida e de sua Igreja, enfim, qualquer um que estivesse acompanhando, por quaisquer motivos, uma missa, poderia se aproximar da Eucaristia, com o argumento de sua intimidade de que está bem com Deus. Na verdade, é o que acontece quando a própria Igreja, por descuido de bispos e padres, expõe o sacramento da Eucaristia ao público, em momentos que nada ou muito pouco têm a ver com a vida eclesial, tais como os acima apresentados. Nesse caso, um modo de controlar o acesso dessas pessoas à Eucaristia estaria em não celebrar missa em qualquer ocasião. Com efeito, se a Eucaristia é o sacramento da Igreja, sua celebração deveria ficar restrita à comunidade de fé.

A celebração de missas em quaisquer ocasiões é ainda um resquício do regime de cristandade, quando todos eram católicos, quando a relação entre Igreja, sociedade e poder público era marcada pela autoridade do padre e pela doutrina e moral da Igreja, quando essa relação não era marcada pela clara distinção entre Igreja e Estado que caracteriza os tempos atuais. Naqueles tempos, ainda que houvesse pessoas que não fossem freqüentadoras da vida eclesial, a grande massa da sociedade participava, de um modo ou outro, da vida da Igreja, pela religiosidade popular, pela devoção aos santos, pelas festas paroquiais, pelos sacramentos do batismo e do matrimônio, pelas exéquias. Hoje, não se dá mais o caso, ao menos no ambiente urbano que caracteriza a maioria de nossas comunidades. Torna-se, portanto, ofensivo à Eucaristia expô-la



desse modo. Nesse caso, a culpa não é dos que dela se aproximam sem conhecê-la e vivê-la e, quem sabe, sem de fato querê-la. A culpa é dos que, por preguiça de oferecerem, motivarem e prepararem outro tipo de celebração – da Palavra, por exemplo – se acomodam com o rito já pronto, definido milenarmente, da missa.

Pelo critério da objetividade da pertença jurídico-institucional, também fica difícil um julgamento. Torna-se hoje cada vez mais comum a rejeição da autoridade da norma como critério para as escolhas e as atitudes religiosas. A insistência no peso da lei e a imposição de mandamentos e exigências levam as pessoas a se afastarem da Igreja, despreocupadamente e sem remorsos, ou a continuarem nela, mas numa espécie de cisma branco que se expressa pela ausência de vontade de mudança de conceitos e atitudes.

De nossa parte, apontamos para além desses dois critérios. Cremos que um terceiro modo de julgar o acesso à Eucaristia poderia facilitar a compreensão dos fatos e a tomada de novas atitudes. Se os critérios anteriormente apresentados relacionam a Eucaristia respectivamente à pessoa do fiel ou à Igreja, gostaríamos de apelar para a relação entre Eucaristia e Reino de Deus. Cremos haver aí um outro critério, que julgamos mais evangélico, que poderá ajudar os fiéis a discernir sobre sua própria participação à Eucaristia e auxiliar a Igreja a discernir sobre o controle do acesso à Eucaristia. Por esse critério, veríamos todos os casos não tanto em termos de proibição, mas, preferivelmente, como garantias a serem dadas para a celebração do encontro fraterno dos fiéis entre si e com o seu Senhor. Este critério, mais objetivo-escatológico, aponta para a Eucaristia como sinal do Reino de Deus.

Por esse critério, não faria sentido que participassem da Eucaristia pessoas que não se empenhem, de um modo ou de outro, na edificação do Reino de Deus; menos ainda, pessoas que impeçam a construção desse Reino. Se não comungam do Reino, que não comunhem da Eucaristia. Por outro lado, fiéis que estariam impedidos, por normas canônicas, de participar da comunhão eucarística, tais como os casais de segunda união, encontrariam na luta pelo Reino e na prática do amor fraterno um modo eficaz de experimentarem a presença do Senhor. Se não podem comungar da Eucaristia, que comunhem da Escritura, da vida eclesial, da ação pastoral e evangelizadora, da prática missionária, da ação caritativa da Igreja. Estariam comungando da Eucaristia de um modo diferente e, talvez, mais rico e santificador: trabalhando pelo Reino de Deus.



Com efeito, se a Igreja é o sacramento da salvação de todos em Cristo (LG 1) e, como tal, germe e início, sinal e instrumento do Reino de Deus (LG 5; Puebla 226-231), já presente na forma de semente lançada à terra, fermento no meio da massa, luz colocada sobre o candeeiro, pequeno rebanho, mas ainda não realizado de forma plena e acabada, também a Eucaristia, que é, por sua vez, sacramento da Igreja, é também ela sacramento do Reino de Deus. Essa dimensão escatológica da Eucaristia não tem sido devidamente refletida e vivenciada nas celebrações eucarísticas de nossas comunidades, mormente na tradição latina.

As Igrejas do Oriente cristão, por sua acentuação da dimensão estética e simbólica da Igreja e da Eucaristia, acentuam mais essa perspectiva.¹ As Igrejas do Ocidente, entre as quais se colocam as Igrejas da América Latina, teriam muito a ganhar com uma iluminação maior dessa perspectiva escatológica da Eucaristia. É claro que não se trata simplesmente de transplantar para o Ocidente a espiritualidade eucarística oriental. Seria preciso unir a essa perspectiva escatológica oriental, a perspectiva sócio-ético-histórica do Ocidente. No caso das Igrejas da América Latina, essa perspectiva sócio-ético-histórica tornou-se ainda mais evidenciada pela teologia da libertação, que põe no centro da reflexão teológica e da ação evangelizadora a opção pelos pobres e, através dela, o juízo de Deus e dos pobres sobre toda ação humana.

Com essa abertura de foco, se conseguirá ao mesmo tempo, de um lado, fortalecer o acesso à Eucaristia dos fiéis que normalmente freqüentam a missa e normalmente participam da vida eclesial e, de outro, restringir esse acesso das pessoas que impedem a construção do Reino de Deus, tais como os idólatras dos deuses do mundo, que se põem num caminho inverso e contraditório aos caminhos que favorecem a vida e a dignidade, a liberdade e a fraternidade, não apenas dos fiéis em Cristo, mas de todos os filhos de Deus, quaisquer que sejam as igrejas e religiões a que pertençam.

1 ZIZIOLAS, I. *Eucaristia e Reino de Deus*. São Paulo/Florianópolis: Mundo e Missão/ITESC, 2003; Koubetch, V. *Da criação à parusia: Linhas mestras da teologia cristã oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004; LANGELLA, M. R. *Salvezza come illuminazione: Uno studio comparato di S. Bulgakov, V. Lossky, P. Evdokimov*, Roma: PUG, 2000. Junto com a perspectiva escatológica, também a ótica ecológica é salientada pelas igrejas orientais: ver, por ex., ZIZIOLAS, I. *A Criação como Eucaristia: Proposta teológica ao problema da ecologia*, São Paulo/Florianópolis: Mundo e Missão/ITESC, 2001.



1. Eucaristia e Fórum Social Mundial

Para refletir sobre a dimensão escatológica da Eucaristia e sobre sua relação com o Reino de Deus, escolhemos um ponto de partida concreto, contextualizado, histórico: a utopia de um outro mundo possível, sonhado e elaborado com muito custo e muita perseverança, pelos fóruns sociais mundiais e por muitas organizações sociais que profetizam um mundo novo.² Por paradoxal que pareça, partimos do histórico para falar do escatológico, partimos dos sonhos humanos para anunciar o projeto, bastante real, embora germinal, do Reino de Deus. “O que está no cerne do cristianismo, de fato, é o paradoxo da encarnação, do advento de Deus no ser humano. Trata-se da inauguração mais radical de uma aliança, de um pacto de amizade entre Deus e o ser humano. Doravante, não se pode mais separar o rosto de Deus e o rosto do ser humano”.³ Nesse encontro entre Deus e o ser humano, nesta caminhada do histórico para o escatológico, do humano para o divino, a Eucaristia – e sua relação com os fóruns sociais mundiais – tem muito a nos dizer.

A relação entre Eucaristia e Fórum Social Mundial não está dada de modo imediato. Com exceção de missas celebradas paralelamente aos FSMs, em igrejas próximas ao evento, não houve, em nenhum dos FSMs, uma celebração eucarística. Não houve nenhum evento, palestra, debate, painel dos FSMs sobre sua dimensão eucarística. Muita gente, talvez a maioria que freqüente as edições dos FSMs, não sabe o que seja a Eucaristia, ao menos em seu sentido íntimo dado pela doutrina e pela prática da Igreja. Por outro lado, com algumas exceções, em muitas das celebrações eucarísticas realizadas pelo mundo afora, no decorrer dos FSMs, não se fez nenhuma alusão a estes. No entanto, não há como negar, a partir de um outro olhar, aquele próprio dos cristãos sonhadores com um mundo novo, que existe uma íntima relação entre a Eucaristia e o FSM, entre as celebrações eucarísticas e as edições dos FSMs. Esta íntima relação, como há de se constatar, acontece precisamente ao redor do sonho por um outro mundo possível, em linguagem histórica, ou pelo Reino de Deus, em linguagem escatológica.

2 Ver as excelentes reflexões de caráter místico-teológicas sobre a utopia dos fóruns sociais mundiais, no número monográfico da revista *Concilium*, em SUSIN, L. C.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. (org.). *Um outro mundo possível*. Concilium 308, Petrópolis: Vozes, 2004.

3 GEFFRÉ, C. O Deus de Jesus e os possíveis da história, in *Concilium* 308 (2004) 74-83 (aqui: 77s).



Uma primeira relação aparece clara pela *eclesialidade* presente na origem e na organização do FSM. Entre as organizações que estão na origem dos FSMs, iniciados em 2001, em Porto Alegre – RS, estão a Cáritas Brasileira e a Comissão Brasileira de Justiça e Paz, organismos vinculados à CNBB. Além destas, a Cáritas Internacional e o Conselho Mundial de Igrejas pertencem atualmente ao comitê organizador internacional dos FSMs. Em todas as edições dos fóruns sociais mundiais estiveram presentes organismos, pastorais e movimentos ligados à Igreja, sobretudo aqueles que se dedicam a ser a voz profética da fé cristã no mundo de hoje. Como se sabe, estas organizações eclesiais são organismos da ação social da Igreja no mundo, no âmbito da sociedade e da política, da economia e da justiça social. Buscam fazer acontecer no mundo as propostas do Evangelho, notadamente as que dizem respeito à edificação do Reino de Deus, em suas bases de justiça, fraternidade e paz, em suas bases eucarísticas diríamos nós.

Uma segunda relação entre Eucaristia e FSMs aparece clara na abertura de ambos à *diversidade*. Nas celebrações eucarísticas estão presentes todas as vocações e ministérios, carismas e expressões da vida eclesial que celebram a fraternidade cristã como sinal da fraternidade universal. Nos FSMs, por sua vez, estão presentes todas as associações e movimentos sociais, organizações não governamentais, categorias profissionais, igrejas, enfim todas as expressões sociais que apontam para a possibilidade de um mundo novo. O mundo novo sonhado por ambas as celebrações – a eucarística e a dos FSMs – é o mesmo, isto é, o Reino de Deus, ainda que visto de óticas diferentes, uma ótica mais histórico-social-terrena em que esse mundo possível acontece pelas mediações políticas e econômicas, históricas e culturais da humanidade, e a ótica evangélica, de abertura mais ampla, enquanto, sem negar essa dimensão histórica, se abre à dimensão escatológica da eternidade.

Uma terceira relação pode ser percebida na *ritualidade* que envolve a ambos. Tanto nas celebrações eucarísticas como nos eventos dos FSMs está muito presente a força antropológico-simbólica da ritualidade. Na missa temos cantos, gestos, procissões que preparam e culminam na partilha do pão e do vinho como alimentos da fé eclesial que fortalecem os fiéis para o empenho na edificação do Reino de Deus. Nos FSMs temos a partilha de bandeiras, a participação em marchas, os gritos de protesto, a partilha do saber, os debates, tudo referido a um outro mundo possível. Toda esta ritualidade, seja a das celebrações eucarísticas, seja a dos FSMs, brota do coração humano que sonha um novo futuro. Baseia-



se no dado antropológico do símbolo, que é, por sua vez, a raiz e a fonte de toda a expressão religiosa – mitos, ritos, doutrinas e éticas – bem como de toda a linguagem humana – relações, comunicações, sonhos, utopias.

Uma quarta relação, de caráter mais íntimo e talvez por isso menos visível e menos imediato, está precisamente na *futuridade*, no seu apontar comum para o futuro da humanidade. Ambos, a Eucaristia e o FSM, indicam que é possível um novo mundo, um outro mundo. A Eucaristia é, como adiante veremos, a celebração antecipada do Reino vindouro, da Jerusalém celeste. Os FSMs têm, desde seu início, apontado para a possibilidade de se sonhar e de se construir um outro mundo. Mais justo, humano, fraterno.

Nessas quatro características comuns – eclesialidade, diversidade, ritualidade e futuridade – está presente o mundo novo. Na forma de um sonho, um outro mundo possível, a ser iniciado a partir de agora e a ser construído ainda nos limites do tempo e do espaço em que vivemos. Na forma de uma realidade, um projeto divino que é oferecido à humanidade, como Reino de Deus anunciado e iniciado por Jesus de Nazaré em nossa história humana, como germen e sinal do Reino definitivo a ser vivido na plenitude do céu.

2. Um outro mundo possível?

Que outro mundo possível é sonhado e querido nas celebrações eucarísticas e nos FSMs? Esse outro mundo possível, sonhado por umas e outros, é o mesmo? Em que se aproximam e em que diferem entre si?

Em sua introdução à carta “A Eucaristia e a beleza de Deus” para o Advento de 2004, o neo-arcebispo Bruno Forte, teólogo italiano, assim define o domingo: “dia da sua (do Senhor) ressurreição e da contínua ressurreição de todos nós juntamente com ele, beleza infinita”. E, mais adiante: “Quem vive verdadeiramente a missa, graças ao encontro com Cristo torna-se também cada vez mais, pouco a pouco, mais belo e melhor!”⁴ A bondade e a beleza de Jesus Cristo, o bom Pastor (Jo 10,11.14), passam a refletir-se nos rostos e nas vidas transfiguradas dos participantes da Eucaristia. De fato, a participação contínua à mesa da

4 FORTE, B. Eucaristia e bellezza di Dio, in *Il Regno Documenti e Attualità* 3 (2005) 81-83 (aqui: 81).



Eucaristia e, antes e junto com ela, à mesa da Escritura, tem como efeito a transformação da vida do fiel. A alimentação semanal e, por vezes, cotidiana, com esses dois pães da fé cristã produz frutos incalculáveis. Só na medida da fé será possível entrever os efeitos dessa permanente e contínua alimentação. Como se sabe, somos o que comemos, somos o que deixamos que entre em nós, em nosso corpo e em nosso espírito. Somos o que lemos, o que estudamos, o que ouvimos, o que vemos, o que tocamos. O ser humano é ele e seu ambiente, ele e suas circunstâncias. Todas as coisas do mundo material e espiritual que entram em nosso organismo e em nosso espírito irão influenciar sobre nossa maneira de ser e de agir, sobre nossas posturas e decisões, sobre nosso presente e nosso futuro. Somos o que fazemos de nós mesmos, no uso dos elementos do mundo e da sociedade que consumimos. Isso vale para as pessoas singulares como para os grupos e comunidades e sociedades.

A alimentação diária, através da mídia, do trânsito e da convivência com os outros, quase sempre sem consciência, de modo subliminar, de novelas fúteis, revistas pornográficas, filmes eróticos, romances pífios, propagandas apelativas, sons ruidosos, apelos ao prestígio, ao dinheiro, a títulos e posses, faz com que as pessoas se tornem consumistas, que se deixem dominar por dois perigosos vícios, o imediatismo e o egoísmo. A antropologia cristã nos denuncia que nessas duas atitudes – imediatismo e egoísmo – encontra-se a raiz de todo pecado. Elas se opõem a duas características fundamentais do ser humano: historicidade e comunhão. O ser humano só se realiza como pessoa na relação amorosa com Deus, com os outros, com a natureza e até consigo mesmo, numa comunhão a ser experimentada no decorrer da existência, numa resposta constante e segura à vocação escatológica. É fora de si e na frente de si que o ser humano se encontra. Quanto mais ele se voltar para dentro de si, numa atitude mesquinha de medo de encontrar-se a si mesmo e de propor-se aos outros, mais ele se diminui e se desumaniza. Quanto mais ele tentar resolver suas carências e vazios na posse imediatista de bens e pessoas, com o intuito de encontrar neles a satisfação para seu inato desejo de ser como Deus e de participar da natureza divina, mais ele se fecha à única resposta ao seu vazio existencial: o próprio Deus em seu mistério absoluto, em seu retrain-se a toda pretensão humana de possuí-lo.

O consumismo que provam em nosso tempo as elites e, enganadas por elas, as multidões famintas que vivem o fascínio de sonhos e ilusões, está na base de toda ruptura e esgarçamento do tecido social, da solidariedade comunal e da paz desejada. Até a religião e o próprio



Deus, feito ídolo, são postos no mercado das ilusões, no balcão da clientela ansiosa por novidades de terapias e soluções fáceis. O paradoxo da gulodice (des)equilibrada com dieta que distingue a afoita classe média, caracteriza também o mundo religioso. Enche-se o espírito com palavras e profecias, maravilhamentos, milagres e graças que entulham o caminho para Deus, que impedem a experiência do encontro com o mistério na sobriedade das coisas e no esvaziamento do próprio eu. Quando o ser humano se deixa possuir por todo tipo de sentimentos e emoções, desejos e razões que buscam sua própria satisfação, sobra pouco espaço para a ação da graça divina, para a força da Eucaristia e da Escritura.

A alimentação semanal e, por vezes, diária, da Eucaristia e, com ela, da Escritura aponta para um outro mundo possível: o mundo da fraternidade, da solidariedade e da paz. O alimento cotidiano desses dois pães forja a consciência e molda a existência de seus participantes semanais. Mesmo descontando a facticidade dos limites e dos pecados humanos, o alimento eucarístico e escriturístico, que atua por força própria, é fonte de esperança. Pôr-se semanalmente diante de uma Palavra libertadora, de um plano histórico-salvífico, de uma ceia fraterna, de uma entrega amorosa e sacrificial da própria vida, de uma Páscoa-passageira revigorante, é colocar-se à disposição do outro e do futuro, é deixar-se moldar pela comunhão e pela historicidade, as duas características básicas que, como vimos acima, fundamentam e realizam a pessoa humana. Repetir assiduamente os mesmos gestos de adoração e louvor a Deus, de saudação e de paz aos irmãos na fé, de agradecimento e oferta pelos dons da natureza, simbolizados no pão e no vinho, de procissão de ingresso, de comunhão e de envio, de entrega, de confiança e de abandono da própria vida a Alguém maior que o nosso coração, é dispor-se a uma reorganização e restauração contínua do próprio eu, em vista da comunhão inter-pessoal e da transformação da história.

Em cada assembléia eucarística, os fiéis devem dispor-se ao encontro com irmãos de diversas categorias e classes sociais, de diversos ministérios e carismas, com diversas funções e vocações no âmbito eclesial e social, todos convocados a exercer, na forma de símbolo e de síntese, o sacerdócio batismal vivido cotidianamente na família, no trabalho e na construção da sociedade. “Assim, na Eucaristia a Igreja inteira se exprime na sua unidade e na variedade dos dons e serviços com os quais é enriquecida pelo Espírito”.⁵ A experiência constante e diligente dessa

5 FORTE, B. *Eucaristia e bellezza di Dio*, 82.



unidade na diversidade e, vice-versa, dessa diversidade na unidade, capacita os fiéis a reconhecerem, valorizarem e defenderem as diferenças humanas e sociais e a se empenharem para que, não sem elas ou contra elas, mas precisamente com elas e por meio delas, se realize a fraternidade humana. O ato de receber repetidamente a Eucaristia e a Escritura dispõe o fiel a tornar-se, ele mesmo, Eucaristia e Escritura para os irmãos, a deixar-se consumir na entrega de sua vida, de seu corpo e de seu espírito, de sua agenda e de seus interesses, em favor da fraternidade. A abertura dos olhos e ouvidos e de todos os sentidos para ver, ouvir, cheirar, degustar e tocar os mistérios da fé celebrados por Cristo, que se revela ao mesmo tempo sacerdote, altar e cordeiro, torna os fiéis capazes de imitar o Cristo no martírio cotidiano da luta pela vida. A escuta freqüente do “tomai e comei” e do “tomai e bebei” de Jesus impele os fiéis a repetirem esse mandamento e esse gesto na partilha de seu pão com os necessitados.

Por fim, o pôr-se diante de Jesus, o único e verdadeiro ser humano, que jamais se desumanizou pelo pecado (Hb 4,15), o ser humano por excelência que revela a todo ser humano quem este realmente é e quem é chamado a ser (GS 22), o homem novo, redentor e recapitulador da humanidade, torna os participantes da missa pessoas capazes de propor-se como novas criaturas, para assumir o projeto da nova humanidade, a ser vivida no âmbito das pessoas, das comunidades e das sociedades. A presença viva e pessoal de Jesus ressuscitado verificada em diversos “lugares” da celebração eucarística – na comunidade reunida, no presidente da assembléia, no irmão crente, no pobre necessitado, na cruz diária, na Palavra anunciada e no pão-e-vinho consagrados⁶ – anima as pessoas e as comunidades de fé ao seguimento de Jesus e ao prosseguimento de sua causa e de seu ministério.

Temos diante de nós dois projetos de vida, dois tipos de nutrição. O primeiro deles, consumista, imediatista e egoísta, torna as pessoas tão insaciáveis quanto vazias. O segundo deles, eucarístico e escriturístico, transforma as pessoas naquilo de que se alimentam, enriquecem-nas em favor de si, dos outros e da inteira sociedade. O primeiro desumaniza, o segundo re-humaniza. O primeiro, por sua ganância, mata de inanição. O segundo, por sua sobriedade, sacia e plenifica. Um outro mundo possível não há de se realizar pelo projeto do consumismo neoliberal que destrói a

6 Ver a justificativa teológica do tema – *Ele está no meio de nós* – e do lema – *Vinde e vede* – do 15º Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se em Florianópolis, em maio de 2006: www.cen2006.org.br.



natureza, diminui a imunidade psicofísica das pessoas e menospreza o primado absoluto de Deus. Um outro mundo possível só se tornará efetivamente possível e realizável na medida do reconhecimento da bidimensionalidade do ser humano, isto é, a comunhão e a historicidade, a abertura para o outro (Deus, o irmão e a natureza) e para o futuro. Nessas duas características revela-se a ex-centricidade do ser humano. Ele só se realiza voltando-se para fora de si: para o outro e para o futuro. Na Eucaristia, preparada e continuada pela Escritura, a Igreja celebra o já e o ainda-não desse mundo possível, que os cristãos chamam de Reino de Deus, o reino da plenitude da comunhão e da história.

3. Eucaristia e opção pelos pobres

Na Eucaristia a Igreja reafirma sua opção pelos pobres. “Na Eucaristia, o nosso Deus manifestou a forma extrema do amor, invertendo todos os critérios de domínio que muitas vezes regem as relações humanas e afirmando de modo radical o critério do serviço” (MND 28).⁷ Ao manifestar sua confiança de que é possível um outro mundo, de que é possível reescrever a história com um rosto verdadeiramente humano, de que, em vez de um fim trágico, há caminhos possíveis na história, tais como a purificação da memória, o respeito pelo verdadeiramente humano, a lei da superabundância e do amor gratuito e, enfim, a globalização ecológica, Cl. Geffré assegura: “A Igreja não dispõe de uma receita mágica para construir um outro mundo mais justo e mais convivial. Mas o futuro continua aberto e o fundamento da esperança cristã é a certeza de que o Espírito de Deus está sempre trabalhando para renovar a face da Terra. Cada vez que cumprimos a práxis de Jesus como práxis de libertação e de humanização, damos um rosto humano à história e antecipamos o Reino de Deus entre os seres humanos”.⁸

A Eucaristia, celebrada em nossas igrejas e continuada nos grupos de reflexão e de oração, nas comunidades eclesiais de base e nas pastorais sociais, nos círculos bíblicos e nas leituras orantes da Bíblia, será certamente a funda de Davi que as vítimas do sistema neoliberal guardam em sua algibeira para derrubar o império do mercado, a globalização

7 Nesse mesmo número de sua Carta Apostólica *Mane nobiscum Domine*, de 07/10/2004, João Paulo II recorda que “São Paulo reafirma vigorosamente que não é lícita uma celebração eucarística onde não resplandeça a caridade testemunhada pela partilha concreta com os mais pobres” (MND 28).

8 GEFFRÉ, C. *O Deus de Jesus e os possíveis da história*, 79.



excludente e o universalismo da violência.⁹ Há que se considerar que, na prática, são precisamente os pobres que mais participam da Eucaristia. Quando os representantes do poder e do dinheiro dela participam, procuram o primeiro lugar nas igrejas e o foco das câmeras de televisão, com objetivos nada eucarísticos. Com a força da Eucaristia e da Escritura, os pobres conseguirão superar o idealismo universalista de Hegel, o materialismo dialético de Marx, o determinismo histórico de Fukuyama, o imperialismo militarista de Bush, o terrorismo de Bin Laden, bem como todas as fontes de ideologias desumanas de nosso tempo.

A relação entre Eucaristia e opção pelos pobres, entre Eucaristia e serviço de caridade em favor dos excluídos da sociedade, é uma constante na história do cristianismo. Basta recordar alguns testemunhos: as reações de Paulo à gulodice de alguns participantes da Eucaristia (1Cor 11,7-22.33s), seu desejo de que na Eucaristia se recolhessem donativos para os pobres de Jerusalém (1Cor 16,2), as denúncias dos Santos Padres de que não se pode honrar devidamente a Eucaristia se não se respeita o corpo de Cristo nos pobres, a coleta que sempre se faz nas celebrações em favor dos necessitados, a inspiração de Charles de Foucauld de tornar-se um “homem consumido” pelos abandonados e excluídos.¹⁰ Na simplicidade e na sobriedade de seus símbolos e ritos, de seus encontros e sonhos, a Eucaristia aponta para a grande utopia do Reino de Deus que vem sendo posta em prática no cotidiano da vida dos pequenos. Também aqui vale a palavra de Jesus: “Quem é fiel nas pequenas coisas será fiel também nas grades” (Lc 16,10).

Certamente, é preciso evitar que nossas celebrações eucarísticas entrem no jogo do mercado, tornando-se espaços de uma teologia da prosperidade, que interpreta de modo brutal e descarado a teologia da bênção do Antigo Testamento.¹¹ Celebrações que se deixam tomar pelo

9 WILFRED, F. Buscando a funda de Davi – Liberando os recursos locais de esperança, in *Concilium* 308 (2004) 92-104.

10 TILLARD, J.-M. R. Teologia. Voce cattolica: La comunione alla Pasqua del Signore, in BROUARD, M. (dir.). *Eucharistia – Enciclopedia dell'Eucaristia*. Bologna: EDB, 2004, 459-508 (aqui: 475-477); TABORDA, F. L'avvenire dell'eucaristia visto dall'America Latina e dai Caraibi, in BROUARD, M. (dir.). *Eucharistia – Enciclopedia dell'Eucaristia*, 843-846.

11 Sobre a teologia da prosperidade, ver a breve síntese de COMBLIN, J.; LIBÂNIO, J. B. e CAVALCANTI, R. Correntes de espiritualidade – valores e limitações, in Secretariado Nacional do 11o. Intereclesial das CEBs, *CEBs: espiritualidade libertadora – Seguir Jesus no compromisso com os excluídos (texto-base)*, Diocese de Itabira/Coronel Fabriciano, 2005, 11-22 (aqui: 15ss).



esquecimento da dimensão social e escatológica da vida cristã, que buscam o agrado dos fiéis através do barulho roqueiro, da estridência de instrumentos musicais, da busca de resultados e de alto astral, como terapias para todo tipo de problemas, correm o risco de serem expressão de uma espiritualidade da prosperidade e do mercado e não da pobreza e do seguimento de Jesus de Nazaré. Busca-se espaço para o homem, sua fala, seu comentário, sua ação, sua criatividade, seus desejos, o poder de sua palavra; é o poder do pelagianismo moderno tomando conta daquilo que é mais íntimo na vida cristã, a Eucaristia. Fecha-se, assim, o espaço para a graça de Deus, a Palavra dele, o Reino dele, os sonhos dele, os mistérios dele.¹² Deus, o último recurso que os pobres cristãos têm para vencer o poder imperialista, torna-se refém desse poder, sendo invertido em ídolo. Resgatar a Eucaristia e a Escritura do fascínio ilusório de shows-espetáculos e do poder de igrejas-empresas representantes do imperialismo do dinheiro e do mercado, é condição necessária e urgente para que os pobres deste mundo continuem a acreditar no poder libertador de Deus. Um Deus que opera na simplicidade dos pequenos gestos e na firmeza permanente da fé e da esperança das vítimas.

Nesse sentido, há que se entender a relação que existe entre liturgia e compromisso. A Eucaristia, como centro de toda liturgia, não pode comprometer-se nem à esquerda, com formas de secularização e politização que apontem para a pura horizontalidade da fé, nem à direita, com formas de alienação e subjetivismo que impossibilitem à vida cristã manifestar-se profeticamente sobre a transformação do mundo. A Eucaristia deve ser proposta como memória do mistério pascal de Cristo, seja sob o aspecto de anúncio do cumprimento radical em Cristo do homem novo e do novo mundo, seja como medida e chave interpretativa de todas as situações e acontecimentos.

A Eucaristia é, para os pobres e todos os que com eles se solidarizam, a fonte e o ápice de todos os compromissos no empenho por um mundo melhor, na expectativa e esperança atuante de um outro mundo

12 A capacidade criativa da celebração litúrgica não se manifesta na facilidade do falar e do agir humanos; pelo contrário, muitas vezes tal facilidade se torna prejudicial. Em vez disso, “requerem-se capacidade de contemplação, experiência do mundo de Deus, sobriedade e bom gosto, conhecimento das regras de linguagem e da situação da assembléia; a improvisação absoluta supera as capacidades normais dos celebrantes e muitas vezes não é digna da santidade de Deus e do respeito devido à assembléia”: PASQUALETTI, G. Reforma litúrgica, em SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. (org.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo/Lisboa: Paulinas/Paulistas, 1992, 986-1001 (aqui: 996).



possível, na construção humana do Reino de Deus já realizado em Jesus de Nazaré. “Para um cristão ou, melhor ainda, para uma comunidade cristã que faz opção pelo compromisso, é lógico que toda a atenção se volte para a frente, para um projeto concreto por ser realizado em um futuro mais ou menos imediato, mas que comece desde já a agir sobre o presente. Esta projeção para a frente é cristãmente válida na medida que continua fielmente ancorada no evento fontal constituído pela realização radicalmente completa em Cristo do projeto escatológico de Deus. É tarefa específica da celebração litúrgica repropor continuamente a memória (*anamnese*) de tal evento, não só como objeto de culto (louvor, ação de graças, oferta), mas também como norma e inspiração do compromisso cristão voltado para a busca de uma adequação entre situações humanas e exigências do Reino”.¹³

4. Eucaristia e cuidado com o mundo

A Eucaristia é um grito de profecia contra o neoliberalismo excludente de nosso tempo. Ao primeiro e fundamental “não” que o ser humano deixou sair de seus lábios, exatamente contra Deus, seu Criador e Pai, em um gesto de rejeição da relação vertical que define o ser humano, o participante da Eucaristia reage com um ato de agradecimento. Na esteira das orações de bênção e de gratidão do judaísmo contemporâneo de Jesus¹⁴ e no mesmo estilo do próprio Jesus de Nazaré em sua última ceia com os discípulos, os fiéis se abrem ao Pai de todos os dons e louvam as três pessoas divinas. “Onde não há gratidão, o dom se perde; onde se vive verdadeiramente a ação de graças, este se torna plenamente fecundo”.¹⁵ A sociedade atual é marcada pelo espírito do sucesso, do empreendimento, da conquista. As pessoas se apossam dos bens do mundo como se fossem donas de tudo. O espírito de capitalização faz com que as pessoas, sobretudo os senhores do mundo, concentrem em si, quais cabeças da humanidade, todas as outras pessoas e todos os bens do mundo. Cada qual se acha cabeça do universo, capaz de capitalizar em si todas as coisas. Desse espírito concentrador para a prática da excludência dos outros é um passo. O primeiro a ser excluído é o próprio Deus,

13 PISTOIA, A. Compromisso, em SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. (org.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo/Lisboa: Paulinas/Paulistas, 1992, 196-209 (aqui: 200).

14 DI SANTE, C. *Liturgia judaica: Fontes, escritura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.

15 FORTE, B. *Eucaristia e bellezza di Dio*, 82.



precisamente por ser percebido, ainda que ao revés da consciência, como o único senhor de tudo. A exclusão de Deus revela-se na dificuldade ou até mesmo na impossibilidade do ser humano moderno para a virtude do louvor e da gratidão.

Talvez tenhamos que reconhecer que a própria teologia cristã tradicional seja responsável pelo distanciamento de Deus com relação ao mundo e, conseqüentemente, pela exclusão de Deus do meio das tarefas e das relações humanas. Essa é a suspeita da teóloga canadense Sallie Mc Fague. Ao comentar o mito da criação-providência relatado no Gênesis e a conseqüente doutrina católica sobre a relação Deus-mundo exposta no Concílio Vaticano I, de 1870, ela denuncia: “Os seres humanos, na verdade, são figurantes no relato cristão clássico da criação e da providência. Além disso, a ação não acontece na nossa vizinhança física – os espaços e lugares concretos em que habitamos – mas, por assim dizer, acima de nossas cabeças, no vasto e panorâmico período histórico, com seu começo (criação), meio (redenção) e fim (escatologia). Em cada um destes eventos Deus tem a total responsabilidade: nós, no máximo, como bons filhos, somos agradecidos a nosso Pai todo-poderoso e todo-amoroso e procuramos fazer sua vontade”. Mais adiante, citando o Vaticano I: “Parece tratar-se não de um relato sobre a criação, mas sobre um Deus cuja ‘substância espiritual... deve ser declarada, real e essencialmente, distinta do mundo’. Este Deus não habita na criação; na verdade, por trás deste relato da criação há o pressuposto de que espírito e matéria são totalmente distintos e estão numa relação dualista e hierárquica”.¹⁶ A alternativa que ela apresenta, em sua teologia ecológica, que aqui qualificaríamos como eucarística, é a concepção do mundo como corpo de Deus, numa relação de intimidade entre Deus e o mundo, entre espírito e matéria.

A imagem eucarística do mundo como corpo de Deus estabelece entre Deus e o mundo uma relação de distinção na comunhão, baseada na asserção cristã da encarnação, pela qual Deus se fez carne do mundo. Uma unidade divino-humana, ecológica, ao mesmo tempo radicalmente individualista e radicalmente relacional. Uma concepção evolucionista e ecológica da realidade, na qual todas as coisas são inter-relacionadas e interdependentes, na qual todos dependem de todos, todos devem cuidar de todos, uma vez que esse mundo, o corpo de Deus, é o nosso lar-jardim

16 MCFAGUE, S. Imaginar Deus e “um outro mundo”, in *Concilium* 308 (2004) 42-52 (aqui: 44).



comum.¹⁷ Uma compreensão histórica e escatológica, pela qual se pode afirmar que “no ministério de Jesus de alimentar os famintos, curar os enfermos e aliar-se aos pobres e oprimidos – ações que se opunham aos costumes convencionais e levaram à sua morte – vemos concretamente o que significa viver de maneira correta no corpo de Deus”.¹⁸ Enfim, uma concepção ao mesmo tempo ecológica e eucarística que aponta para um novo modo de administrar a sociedade e o mundo, na forma de justiça distributiva e de sustentabilidade. “A história nos dá uma visão de como deveríamos cuidar deste lar no Reino de Deus: o banquete eucarístico, no qual todos somos convidados a participar da festa”.¹⁹

A imagem de corpo de Deus que se usa agora para falar da relação entre Deus e o mundo, é a mesma que, desde os inícios do cristianismo, se usou para falar da Igreja e da Eucaristia. Vê-se, hoje, porém, que é preciso alargar o conteúdo dessa imagem para nela compreender todo o universo criado. Assim não só o pão e o vinho consagrados são corpo de Deus, não só a Igreja é corpo de Deus. O núcleo eucarístico do pão e do vinho é ao mesmo tempo sinal e fermento da eucaristicidade de toda a Igreja e, mais ainda, do mundo inteiro. Nessa eucaristicidade ecológica e universal cabem todas as relações humanas, todas as estruturas sociais, todos os sonhos por um outro mundo possível e todo o empenho humano para que aconteça já entre nós o Reino de Deus.

5. Eucaristia e sociedade agradecida

No entanto, por mais que falemos do mundo e da humanidade como corpo de Deus, o fato é que o homem e a sociedade de hoje são a-eucarísticos ou anti-eucarísticos.²⁰ Vivemos num mundo de recessão global

17 MCFAGUE, S. Imaginar Deus e “um outro mundo”, 47ss.

18 MCFAGUE, S. Imaginar Deus e “um outro mundo”, 51. Ver também o número monográfico da revista *Concilium*, em L. BOFF e V. ELIZONDO (dir.), *Ecologia e pobreza – Grito da terra, grito dos pobres*. Concilium 261, Vozes, Petrópolis, 1995.

19 MCFAGUE, S. Imaginar Deus e “um outro mundo”, 52.

20 Por fidelidade à etimologia, os termos certos seriam a-carísticos e anti-carísticos, que indicariam negação e oposição à *châris*, isto é, à graça e ao amor de Deus. Ver, por ex., IRINEU DE LIÃO, *Contra os hereges* IV,17,5, para quem é o próprio ser humano o beneficiário do sacrifício eucarístico, uma vez que quando ele oferece o sacrifício, ele mesmo é glorificado naquilo que oferece, passando então de inoperoso e ingrato (*a-charistos*) a agradecido (*eu-charistos*). Preferimos a-eucarístico e anti-eucarístico, para insistir na negação e na oposição à Eucaristia. Ver também CHAUVET, L.-M. L'approccio antropologico all'eucaristia, em BROUARD, M. (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell'Eucaristia*. Bologna: EDB, 2004, 21-33.



sincronizada e mundializada, em que até mesmo o capitalismo neoliberal torna-se insustentável.²¹ O egoísmo chegou ao fundo do poço. Percebe-se a necessidade de alternativas ao neoliberalismo, como saídas que se marquem pela gratuidade e pela partilha. A atual sociedade de concentração de renda, de exclusão dos pobres e de *hybris* destruidora diante da natureza, situa-se em oposição direta com a religiosidade judaica do tempo de Jesus, marcada pela virtude da gratidão.

Em seu belo estudo sobre a liturgia judaica, o teólogo italiano Carmine Di Sante desfia um sintético estudo sobre a *berakah*, a oração de bênção, de admiração, louvor e agradecimento, dos judeus anteriores e contemporâneos a Jesus. Considera que *berakah* seja “talvez o termo por excelência, no qual se resume a antropologia hebraica: o seu modo de colocar o homem diante de Deus e defronte ao mundo”.²² Logo em seguida, depois de dizer que a *berakah* define a tríplice relação do ser humano – com Deus, o mundo e os semelhantes –, o autor reconhece nela o centro da antropologia unitária da Bíblia, enquanto denuncia, a partir dela, atitudes desumanizantes que, se estão presentes em qualquer idade da história, caracterizam mais a idade atual: “Mais do que a tríplice relação, trata-se, na realidade, de uma única relação, que se poderia definir como triangular. A *berakah* não somente impede que se separe Deus do homem (teologia especulativa) e do mundo (teologia desencarnada), nem o homem de Deus (antropologia atéia) e do mundo (antropologia pseudo-espiritual), nem o mundo de Deus (cosmologia secularizada) e do homem (cosmologia estetizante), mas mantendo unidos e inseparáveis os três pólos, fixa suas condições, graças às quais permanecem na verdade”.²³

Na *berakah*, em sua unidade tríplice, revela-se a pericorese existente entre Deus, o homem e o mundo, num movimento de relação e interdependência entre os três: “Em relação ao homem e ao mundo, Deus é a fonte e a norma; cria o homem e o mundo e estabelece sua modalidade de usufruto e de multiplicação. Em relação a Deus e ao mundo, o homem é o intérprete e o beneficiário; é objeto da atenção divina e destinatário dos bens da terra. Em relação a Deus e ao homem, o mundo é sacramento e dom; sinal da benevolência divina e dom concreto para o homem”.²⁴

21 DIERCKXSEBS, W. Fim do neoliberalismo, capitalismo insustentável, necessidade de uma nova utopia, em *Concilium* 308 (2004) 11-24; C. GRZYBOWSKI, Outros mundos no horizonte da cidadania planetária, in *Concilium* 308 (2004) 25-32.

22 DI SANTE, C. *Liturgia judaica*, 47.

23 DI SANTE, C. *Liturgia judaica*, 47.

24 DI SANTE, C. *Liturgia judaica*, 47.



A Eucaristia celebrada e instituída por Jesus de Nazaré no final de sua vida, como síntese de sua inserção na história, de seu ministério em favor dos pobres, de seu empenho pela promoção e defesa da vida e, ao mesmo tempo, como antecipação de sua entrega na cruz e de sua vitória sobre a morte, está enquadrada neste regime teo-cosmo-antropológico de unidade e diversidade. Por isso, ela é sacramento dessa unidade e dessa diversidade que existe entre Deus, o homem e o mundo. É sinal da fraternidade universal, enquanto realiza na forma de germe o sonho divino de um reino de paz e solidariedade, enquanto aponta para a possibilidade da comunhão de todos os seres humanos, enquanto indica a forma da partilha no mesmo pão e no mesmo vinho como modelo econômico a ser implantado em toda a sociedade. Na Eucaristia, temos a realização de todos os paradoxos humanos e históricos: na austeridade de um pedaço de pão e de um gole de vinho está a abundância da vida; na pequenez de um grupo, a totalidade do gênero humano que se encontra com Deus e com os semelhantes; na concentração de uma hora, a extensão do tempo dedicado ao louvor e ao agradecimento; na restrição de um ambiente, a universalidade do espaço e de toda a criação que bendiz ao Criador.

Na celebração eucarística, como na *berakah* judaica que lhe serviu e serve de fundamento, o fiel “reconhece a Deus como origem e proprietário das coisas; o mundo como dom que deve ser aceito e compartilhado; os homens como irmãos com os quais participa do único banquete da vida”.²⁵ Ela é, por isso, como celebração da sociedade agradecida, o sinal por excelência da fraternidade universal. O próprio Deus, apesar de ser Criador e Senhor de todas as coisas, se faz irmão dos seres humanos, se faz pobre, aproxima-se, identifica-se e solidariza-se com a humanidade, a começar com os últimos e excluídos. O mundo criado, apesar de não ter consciência e liberdade, é feito irmão dos seres humanos, numa relação de intersubjetividade em que os animais, as plantas e o mundo inorgânico são seres viventes que vivem e participam da festa da partilha e do banquete da comunhão. Os seres humanos, apesar de sonharem e proporem projetos diferentes de existência, se unem como irmãos na luta comum pela vida. Por estranho que pareça à linguagem teológica e espiritual, pode-se dizer que Deus, os seres humanos e o mundo se tornam e se tratam como irmãos. Deus, porque se humilha à nossa condição; o mundo, porque é elevado à nossa condição; os seres humanos, porque se assumem tais na relação de obediência amorosa a Deus, de igualdade e complementariedade com seus semelhantes e de administração responsável do mundo.

25 DI SANTE, C. *Liturgia judaica*, 47.



Na sociedade a-eucarística de nossos tempos, em que prevalece o deus-mercado com suas exigências de vítimas a serem sacrificadas em seus altares, essa tríplice relação se rompe. Os três elementos da relação – Deus, o homem e o mundo – tornam-se objeto de consumo, de compra e venda, de descarte. Hoje servem, amanhã são desnecessários. Ao projeto eucarístico de inclusão e de pericorese teo-cosmo-antropológica, segue-se o projeto neoliberal de exclusão, em que vale apenas o “eu” no seu radicalismo mais vazio e solitário. À exclusão de Deus, segue-se a exclusão das pessoas que não fazem parte de meu grupo, de minha classe; segue-se a exclusão dos bens do mundo, que são destruídos na mesma medida em que retidos e concentrados nas mãos de poucos.

Refletindo sobre a ambigüidade da globalização, que aqui chamamos de sociedade a-eucarística ou, mesmo, anti-eucarística, Cl Geffré pergunta-se: “Quem pode aceitar com resignação que 20% da população mundial detenha 83% das riquezas disponíveis da terra, enquanto que os 20% mais pobres devam sobreviver com 1,4% dos recursos naturais? Ou ainda, como suportar a idéia de que no começo do século XXI, 14 milhões de crianças morram cada ano antes de completar 5 anos?”²⁶ Nesse mundo de exclusão, valem as palavras de B. Forte sobre a dimensão eucarística da gratidão: “Em um tempo como o nosso em que o difundido bem-estar leva a pensar que tudo nos seja devido e que se pode usufruir de qualquer bem, é indispensável aprender a agradecer”.²⁷ E, evidentemente, reconhecendo que todos os bens procedem de Deus, aprender a repartir com seus filhos, os bens naturais e os produzidos pela mão humana.²⁸

6. Eucaristia: sinal e instrumento do Reino

A concepção da Eucaristia como sinal e instrumento do Reino é decorrência da correlativa concepção conciliar da Igreja como sinal e instrumento do Reino. Como se sabe, há, desde os primórdios do cristianismo, uma íntima conexão entre Igreja e Eucaristia.²⁹ A Igreja faz

26 GEFFRÉ, C. *O Deus de Jesus e os possíveis da história*, 76.

27 FORTE, B. *Eucaristia e beleza de Dio*, 82.

28 Sobre a relação entre a Eucaristia e a fraternidade universal, ver PAOLI, A. *Fraternidade no mundo – Exigência da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1980; BALDUCCI, E. et al., *A luta e a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 1980. Numa perspectiva mais místico-pastoral, SCHNITZLER, Th. *Missa, mensagem de vida: Entenda a missa para participar melhor*. São Paulo: Paulinas, 1978.

29 JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja, 17/04/2003; SYTY, J. *Il primato nell'ecclesiologia ortodossa attuale*



a Eucaristia, a Eucaristia faz a Igreja. A partir da reviravolta copernicana promovida pelo Concílio Vaticano II, não se vê mais a Igreja primariamente como instituição jurídica ou sociedade perfeita, mas como ícone do mistério trinitário, como comunhão dos homens com a vida intra-trinitária, e, portanto, como sinal humano e histórico do Reino divino e escatológico. A Igreja é o Corpo de Cristo estendido no tempo, o Povo de Deus disperso pelo mundo, o organismo humano de Deus na sociedade (LG 1-8).

Em termos bíblicos, resgatados pela *Lumen Gentium*, ela é fermento na massa, luz no mundo, grão lançado à terra. Como tal, é mistério de Deus no tempo; é sinal e instrumento do Reino. Tal, pois, a Igreja, tal a Eucaristia. Assim, na Igreja e na Eucaristia, “alimentados com o pão da vida, podemos pregar as alegrias do Reino vindouro e antecipar sua realização no tempo de nossa peregrinação terrena: a vida, alimentada com a comida eucarística, é destinada rumo ao futuro da promessa de Deus e experimenta ao mesmo tempo a alegria do dom já recebido e a esperança da promessa não ainda plenamente realizada”.³⁰

Sendo já no tempo presente espaço de comunhão na diversidade, na tríplice pericorese entre Deus, o homem e o mundo, a Eucaristia é sinal e instrumento do Reino. Assim afirma Dhavamony, estudioso da teologia cristã das religiões: “A Eucaristia é o sacramento do Reino de Deus. Jesus oferece aos seus discípulos, através de seu sacrifício, um penhor da vinda escatológica do Reino (...) A primeira etapa da realização do Reino é a própria Eucaristia, que é o centro da vida espiritual no Reino fundado por Jesus; a última etapa será no final dos tempos, quando será perfeitamente realizada a Páscoa”.³¹ Assim como a Igreja não é o Reino de Deus, mas seu sinal e instrumento, assim também a Eucaristia. Como a Igreja é o instrumento que introduz o Reino entre os seres humanos para impulsioná-los rumo à sua meta definitiva, como ela é o lugar onde se concentra a ação de Deus-Pai, que na comunhão do Filho e na força do Espírito, busca a todos os seres humanos para compartilhar com eles seu projeto (Puebla 227), isto é, seu próprio ser, Amor, e sua própria vontade, o Reino, assim também a Eucaristia. Ela não é o Reino, mas sua primeira etapa de realização, sua antecipação e vislumbre.

– *Il contributo dell'ecclesiologia eucaristica di Nicola Afanassieff e John Zizioulas*, Roma: Antonianum, 2003.

30 FORTE, B. *Eucaristia e bellezza di Dio*, 82s.

31 DHAVAMONY, M. Teologia cristiana delle religioni ed eucaristia, in M. BROUARD (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell'Eucaristia*. Bologna: EDB, 2004, 831-833 (aqui 832s).



A participação de pessoas e comunidades de todas as classes e nações, tribos, povos e línguas (Ap 7,9), nas celebrações eucarísticas realizadas por todo o orbe terreno é ao mesmo tempo realização e preguستاção do Reino definitivo. Em cada celebração eucarística se dá o já e ainda não do Reino. Até mesmo nos ritos sacrificiais das religiões não cristãs se dá o já e ainda não do Reino. Esses ritos sacrificiais, por serem gestos que apelam e apontam para a plenitude da Eucaristia, são, *de facto*, embora *in nuce* e de modo imperfeito, fonte de salvação para seus adeptos. “Esta graça da salvação que recebem os outros crentes, mesmo sendo extra-sacramental, é pró-sacramental e pró-eucarística, no sentido em que está ordenada aos sacramentos do Batismo e da Eucaristia”.³²

Reportando-se ao grande teólogo ortodoxo Bulgakov, um outro teólogo também ortodoxo, Olivier Clément, do Instituto de Teologia Ortodoxa, de Paris, assim se expressa sobre a tensão escatológica da Eucaristia: “Pode-se falar, a propósito da Eucaristia, de uma verdadeira ‘parusia sacramental’, sobretudo se se recorda que o termo ‘parusia’ significa ao mesmo tempo presença e espera. Na Eucaristia, o Reino vem a nós”.³³ Seja através da Igreja, em sua forma comunitário-social, seja através da Eucaristia, em sua forma místico-sacramental, o Reino de Deus é antecipado entre os seres humanos. Daí, a necessidade de vivermos a Eucaristia na alegria pascal. Uma alegria que não se manifesta na euforia de barulhos e estridências, porque se sabe proveniente da dor e da paixão de Jesus. Uma alegria que supera todo espírito de tristeza e desolação, porque se sabe presença antecipada do Reino vindouro.

7. A centralidade do Reino na liturgia eucarística

A beleza da Eucaristia como sacramento do Reino é uma graça que nos acompanha desde os tempos de Jesus. Tendo sido esquecida no decorrer de um bom espaço de tempo na história do cristianismo, foi retomada no Concílio Vaticano II. Creemos, porém, que levará tempo ainda para que assumamos a teologia conciliar, que concebe a Eucaristia em sua relação com a Igreja, com o mundo e com o Reino. Tendo recuperado

32 DHAVAMONY, M. *Teologia cristiana delle religioni ed eucaristia*, 833.

33 CLÉMENT, O. *Maranà tha* – Note sull’eucaristia nella tradizione ortodossa, em BROUARD, M. (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell’Eucaristia*. Bologna: EDB, 2004, 509-540 (aqui 512).



a teologia eucarística do Novo Testamento e da Patrística, o Concílio Vaticano II supera o esfacelamento com que a teologia medieval concebia a Eucaristia. A teologia medieval havia despedaçado a Eucaristia. Destacava determinadas partes da celebração, sobretudo a consagração e a comunhão, sem apontar a ligação entre elas. Tratava a Eucaristia a partir de três eixos, também desconectados entre si e desligados da temática bíblica da Aliança e do Reino, bem como da vida concreta do fiel: o sacramental (Eucaristia como presença real de Cristo), o sacrificial (relação entre Eucaristia e morte de Jesus na cruz) e o comunal (Eucaristia como alimento, só que numa visão muito intimista e espiritual, pouco teológica e social). Fragmentava a unidade que havia, na última ceia de Jesus e nas celebrações eucarísticas das primeiras comunidades cristãs, entre espiritualidade, teologia e ação ritual.³⁴ Nessa fragmentação, alguns elementos centrais foram deixados de lado. Entre eles, a Eucaristia como celebração da ressurreição de Cristo e como aperitivo do Reino vindouro.

Em sua bela reflexão sobre a Eucaristia como raiz e centro da vida da comunidade cristã, I. Buyst apresenta as mudanças significativas introduzidas pelo Concílio Vaticano II, na constituição *Sacrossanctum Concilium* sobre a liturgia, no modo de celebrar a missa e, portanto, na teologia eucarística.³⁵ Mais que mudanças, são na verdade resgates da teologia neo-testamentária e patrística, em sua insistência sobre a relação que há entre Eucaristia e Igreja-Mundo-Reino, em sua centralidade na Eucaristia como sacramento da Aliança e do Reino. Para preservar a força dos enunciados, insistiremos no uso do verbo resgatar:

- A aclamação memorial após o rito da consagração *resgata* a Eucaristia como comemoração do mistério pascal do Senhor, seja da morte, seja, sobretudo, da ressurreição e de sua vinda futura.
- A oração eucarística vista como ação de graças – desde o prefácio (“Demos graças ao Senhor nosso Deus”) até a doxologia (“Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda a glória, agora e para sempre. Amém”) – *resgata* a

34 BUYST, I. O sacramento da Eucaristia, raiz e centro da comunidade cristã, in BUYST, I. e FRANCISCO, M. J. *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. São Paulo/Valencia: Paulinas/Siquem, 2004, 31-46, aqui: 32.

35 BUYST, I. *O sacramento da Eucaristia, raiz e centro da comunidade cristã*, 35-43.



Eucaristia como gratuidade da parte de Deus e gratidão da parte humana.

- As invocações ao Espírito Santo (epicleses) na oração eucarística, uma sobre o pão e o vinho, outra sobre a comunidade eclesial, para que ambos (pão-vinho e comunidade) se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo, *resgatam* a Eucaristia como sacramento também do Espírito Santo que renova a face da terra, reúne a humanidade e glorifica todas as coisas em Cristo.
- Os gestos da fração do pão e a comunhão sob as duas espécies *resgatam* a Eucaristia como sacramento da partilha solidária que se faz na aliança com o sangue libertador do Cordeiro e na antecipação do banquete escatológico do Reino.
- A unidade das duas mesas, da Palavra e da Eucaristia, *resgata* a Eucaristia como sacramento da presença cabal de Cristo nos diversos dons divinos percebidos na celebração eucarística: a Palavra, mas também a comunidade celebrante, o irmão de fé, o pobre necessitado, o presidente da assembléia e, por último, mas não por menos, quase que como apoteose de todas essas presenças, a própria Eucaristia; presenças diversas que apontam para a presença do Cristo glorificado que nos guia rumo à pátria definitiva.
- O entendimento da assembléia como sujeito da celebração *resgata* a Eucaristia como celebração festiva do povo de Deus, todo ele sacerdotal; uma assembléia que simboliza na terra a assembléia dos santos na Jerusalém celeste.

De nossa parte, gostaríamos de salientar que em todas essas mudanças (ou resgates) está presente a dimensão escatológica da Eucaristia, ou seja seu entendimento e celebração como aliança festiva entre Deus e a humanidade, banquete nupcial da união entre Cristo e sua Igreja, ação de graças pelo amor infinito do Cordeiro Pascal, caminho para a superação da morte pela ressurreição,³⁶ memorial do futuro, comunhão no Espírito Santo, transfiguração do mundo, convívio antecipador do Reino futuro.³⁷

Na visão de Ioannis Zizioulas, metropolita de Pérgamo, o Reino futuro de Deus é causa e arquétipo da Eucaristia.³⁸ A começar com a

36 JOHANNY, R. *A Eucaristia, caminho de ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 1977.

37 ZIZIOULAS, I. *Eucaristia e Reino de Deus*, 35-89.

38 ZIZIOULAS, I. *Eucaristia e Reino de Deus*, 22-25.



comemoração do que o próprio Jesus fez e disse na sua última ceia: “Jesus reuniu os discípulos para uma ceia, conversou longamente com eles sobre o Reino de Deus; seguiu o ritual da ceia pascal judaica, que recorda a libertação do povo de Deus da escravidão do Egito; e anunciou a libertação plena no futuro (...) Deu graças ao Pai, pela iminência do Reino, no ardente desejo de vê-lo realizado”.³⁹ Partiu o pão e entregou o cálice num gesto simbólico de antecipação de sua morte na cruz, dando-lhe o sentido duplo de partilha e de sacrifício, como a mostrar que toda luta pela superação da miséria e da fome, pela partilha do pão e pela solidariedade, haverá de ser paga com a entrega da vida. Toda partilha se faz com sacrifício. Qualquer sacrifício tem sentido se produzir partilha; nenhum sacrifício tem sentido se não produzir partilha e fraternidade. Deste gesto jesuânico em diante, não há mais como separar sacrifício e partilha, morte e ressurreição. O mistério pascal de Jesus, antecipado simbolicamente na ceia, é o mistério que todos os seres humanos haverão de viver em seu empenho por um mundo novo.

Daí o sentido escatológico da Eucaristia, sua relação com a história e a sociedade humana, onde cristãos e fiéis de outras religiões e pessoas de boa vontade sonham e constroem o mundo novo, no qual os cristãos vêem antecipado o Reino de Deus. “A Eucaristia é o sacramento da unidade da Igreja, sinal e instrumento da reconciliação dada por Deus, força para sanar toda divisão e, por isso, fonte e motivo do empenho de caridade e justiça, a serviço da unidade e da paz da família humana”.⁴⁰

Conclusão

Retomar a dimensão escatológica da Eucaristia, em suas vertentes sócio-histórica e místico-militante, será o caminho para valorizar no meio cristão e católico este sacramento central da fé. É preciso fazer dele, em sua íntima relação com a Escritura, o verdadeiro – e único! – alimento das lutas dos pobres por um outro mundo possível que seja sinal e instrumento do Reino que, sendo dom de Deus, é tarefa humana.

Nosso artigo mostrou que nos fóruns sociais mundiais e em outras expressões sociais de nosso tempo há um desejo de um outro mundo. Um mundo em que seja possível viver a fraternidade universal, a partilha dos bens, a defesa de todo tipo de vida, a começar com a vida mais ameaçada,

39 BUYST, I. *O sacramento da Eucaristia, raiz e centro da comunidade cristã*, 33.

40 FORTE, B. *Eucaristia e beleza di Dio*, 83.



a dos pobres e a da natureza. Cremos que esse sonho começa a realizar-se nas celebrações eucarísticas. Cremos que todos os fiéis cristãos e mesmo pessoas de todas as religiões poderão tornar este mundo mais eucarístico. Ponderamos que os fiéis cristãos, excluídos por normas canônicas do acesso à comunhão eucarística, poderão mesmo assim viver como pessoas eucarísticas, na medida em que se empenham pela eucaristicidade do mundo e das relações humanas.

Para que esse sonho se torne realidade, ou, pelo menos, para que essa realidade se torne mais evidenciada e firme, é urgente que retomemos a teologia eucarística do Reino de Deus ou, em outros termos, a teologia reinocêntrica e escatológica da Eucaristia. Para tanto, bastaria voltar ao Concílio Vaticano II, que, em sua Constituição sobre a Sagrada Liturgia, já fez todo o trabalho de resgatar nas fontes bíblicas e patrísticas a relação entre Eucaristia e Reino, entre Eucaristia e Aliança de Deus com a humanidade.

Bibliografia

- BALDUCCI, E. et al., *A luta e a Eucaristia*, Loyola, São Paulo, 1980.
- BROUARD, M. (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell’Eucaristia*, EDB, Bologna, 2004.
- BUYST, I., O sacramento da Eucaristia, raiz e centro da comunidade cristã, em I. BUYST e M.J. FRANCISCO, *O mistério celebrado: memória e compromisso II*, Paulinas/Siquem, São Paulo/Valencia, 2004, 31-46.
- CHAUVET, L.-M., L’approccio antropologico all’eucaristia, em M. BROUARD (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell’Eucaristia*, EDB, Bologna, 2004, 21-33.
- CLÉMENT, O., *Maranà tha – Note sull’eucaristia nella tradizione ortodossa*, em M. BROUARD (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell’Eucaristia*, EDB, Bologna, 2004, 509-540.
- DHAVAMONY, M., Teologia cristiana delle religioni ed eucaristia, em M. BROUARD (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell’Eucaristia*, EDB, Bologna, 2004, 831-833.
- DIERCKXSEBS, W., Fim do neoliberalismo, capitalismo insustentável, necessidade de uma nova utopia, em *Concilium* 308 (2004) 11-24.
- DI SANTE, C., *Liturgia judaica – Fontes, escritura, orações e festas*, Paulus, São Paulo, 2004.



- FORTE, B., Eucaristia e beleza di Dio, em *Il Regno Documenti e Attualità* 3 (2005) 81-83.
- GEFFRÉ, Cl., O Deus de Jesus e os possíveis da história, em *Concilium* 308 (2004) 74-83.
- GRZYBOWSKI, C., Outros mundos no horizonte da cidadania planetária, em *Concilium* 308 (2004) 25-32.
- JOHANNY, R., *A Eucaristia, caminho de ressurreição*, Paulinas, São Paulo, 1977.
- KOUBETCH, V., *Da criação à parusia – Linhas mestras da teologia cristã oriental*, Paulinas, São Paulo, 2004.
- LANGELLA, M.R., *Salvezza come illuminazione – Uno studio comparato di S. Bulgakov, V. Lossky, P. Evdokimov*, PUG, Roma, 2000.
- MCFAGUE, S., Imaginar Deus e “um outro mundo”, em *Concilium* 308 (2004) 42-52.
- PAOLI, A., *Fraternidade no mundo – Exigência da Eucaristia*, Paulinas, São Paulo, 1980.
- PASQUALETTI, G., Reforma litúrgica, em D. SARTORE e A.M. TRIACCA (org.) *Dicionário de Liturgia*, Paulinas/Paulistas, São Paulo/Lisboa, 1992, 986-1001.
- PISTOIA, A., Compromisso, em D. SARTORE e A.M. TRIACCA (org.) *Dicionário de Liturgia*, Paulinas/Paulistas, São Paulo/Lisboa, 1992, 196-209.
- SCHNITZLER, Th., *Missa, mensagem de vida – Entenda a missa para participar melhor*, Paulinas, São Paulo, 1978.
- SUSIN, L.C.; SOBRINO, J.; WILFRED, F. (org.), *Um outro mundo possível*. *Concilium* 308, Vozes, Petrópolis, 2004.
- SYTY, J., *Il primato nell’ecclesiologia ortodossa attuale – Il contributo dell’ecclesiologia eucaristica di Nicola Afanassieff e John Zizioulas*, Antonianum, Roma, 2003.
- TABORDA, F., L’avvenire dell’eucaristia visto dall’America Latina e dai Caraibi, em M. BROUARD (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell’Eucaristia*, 843-846.
- TILLARD, J.-M.R., Teologia. Voce cattolica – La comunione alla Pasqua del Signore, em M. BROUARD (dir.), *Eucharistia – Enciclopedia dell’Eucaristia*, EDB, Bologna, 2004, 459-508.



WILFRED, F., Buscando a funda de Davi – Liberando os recursos locais de esperança, em *Concilium* 308 (2004) 92-104.

ZIZIOULAS, I., *Eucaristia e Reino de Deus*, Mundo e Missão/ITESC, São Paulo/Florianópolis, 2003.

Endereço do Autor:

Rua Esteves Junior, 447
88015-130 Florianópolis, SC